

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO E O “R” RETROFLEXO:
construção da variabilidade linguística no Brasil**

**LINGUISTIC PREJUDICE AND RETROFLEX “R”:
construction of linguistic variability in Brazil**

Joyce Desideri Tino¹

RESUMO

O presente artigo é fruto de uma pesquisa de natureza teórico-conceitual em que se discutem algumas conjecturas no campo da Linguística e a relação com o preconceito vivido por sujeitos que compartilham uma variabilidade linguística existente no Brasil, o *erre* retroflexo. Busca-se explicitar e compreender em que medida tais fenômenos sistematizam dentro do uso da língua e, conseqüentemente, da sua variabilidade e do preconceito sofrido por sujeitos com essa característica. Nesse contexto, assinala-se a necessidade de estudos que tratem das vicissitudes psicossociais e linguísticas, de maneira igualitária e livre de preconceito, por meio da língua e de suas peculiaridades dentro dos processos de desenvolvimento humano.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística. Variabilidade linguística. Preconceito linguístico. *Erre* retroflexo.

ABSTRACT

This article is a theoretical-conceptual research where we discuss some conjectures present in the field of Linguistics and its relation to the prejudice experienced by those who share an existing linguistic variability in Brazil, the retroflex *r*. The article aims to explain and understand to what extent these phenomena are systematized within the use of language and consequently its variability and the prejudice suffered by individuals with this characteristic. In this context, we point out the need of studies that address the psychosocial and language vicissitudes equally and free of prejudice, through language and its peculiarities within the human development processes.

KEYWORDS: Linguistic. Variability linguistic. Linguistic prejudice. Retroflex *r*.

¹ Pós-Graduação *Lato Sensu* – Especialização em Revisão de Textos, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: joycedesideritino@gmail.com

INTRODUÇÃO

O artigo insere-se nas áreas da linguística, sociolinguística e psicolinguística e tem como objetivo analisar a incidência do *erre* retroflexo no Brasil e seus efeitos sociolinguísticos no tocante ao preconceito linguístico, sendo esse nosso problema em análise.

A metodologia envolve uma revisão bibliográfica de estudos acerca do que já existe sobre o assunto, mas também conta com duas entrevistas inéditas de pessoas que vivenciaram preconceito ou não e tiveram contato com o *erre* retroflexo. Haverá análise qualitativa do *corpus* em questão.

Na linguística, o preconceito desenha-se nas variabilidades de linguagem existentes. Pretende-se elucidar os porquês do preconceito quanto ao *erre* retroflexo e pesquisar esse processo discriminatório.

A Linguística e o estudo das línguas

A linguística teve como fundador o filósofo e linguista suíço Ferdinand de Saussure, a partir de cujos estudos a língua passou a ser vista não como algo pertencente ao passado, mas sim como organismo vivo e pulsante, que está em permanente transformação.

Porém, a linguística vai além de Saussure. Após ele, vieram outros pensadores, como Skinner, Chomsky e Piaget.

Nos anos 50, Skinner encara a língua sob uma ótica behaviorista (ingl. *behavior*: comportamento). Na época, a corrente psicológica do behaviorismo era a mais popular da psicologia e pregava que o comportamento resulta de reflexos condicionados – simples respostas mecânicas – induzidos por certos estímulos vindos do mundo exterior. Tratava-se, então, de um processo de aprendizagem imerso na cadeia *estímulo-resposta-reforço*.

A linguagem seria adquirida e, portanto, nesse processo de aprendizagem da língua, os adultos – pais e professores – teriam o papel de interagir com as crianças, de ensiná-las a dominar a língua (SKINNER, 1957).

Tal teoria foi suplantada por outros autores que vieram depois e que comprovaram que a linguagem é uma gramática mental e inata, não um comportamento decorrente da aprendizagem (COSTA, 2008). Essa foi a principal crítica feita por Chomsky às ideias de Skinner.

Em trabalho realizado juntamente com o psicólogo Jean Piaget, nos anos 80, Chomsky argumentou, refutando a teoria comportamentalista de Skinner, que o aprendizado da fala não pode ser apenas produto de observação da fala dos pais, mas sim resultado das estruturas da mente que permitem o surgimento espontâneo da fala e a produção criativa de expressões nunca ouvidas ou repetidas anteriormente (CHOMSKY; PIAGET, 1983).

Variabilidades linguísticas

As variabilidades da língua são as mudanças por ela sofridas, já que é um organismo vivo e pulsante. Ocorrem desde o momento de sua formação e estruturação, desde os primórdios da língua-mãe, o latim (BAGNO, 2003, p. 19). A língua portuguesa é "A última flor do Lácio", pois é tida como aquela que mais se modificou entre as que vieram do Latim, idioma falado no Lácio, região da Itália onde se localiza Roma, que se imbrica na família das línguas indo-europeias (LUCCHESI, 2004, p. 52). Nota-se que as variabilidades linguísticas não ocorrem tão somente no tempo, mas também no espaço, nas camadas sociais e nas representações estilísticas. Há sensíveis diferenças entre a língua portuguesa falada em território brasileiro e aquela utilizada em Portugal. Segundo Marcos Bagno (2003), existem motivos para isso. A língua portuguesa brasileira encontrou rival no tupi, língua indígena geral; os bandeirantes trataram de batizar os acidentes geográficos e algumas localidades com vocábulos dessa procedência. Apesar de a língua portuguesa ter se sobressaído como língua oficial, as influências do idioma indígena acabaram deixando vestígios em nosso falar e, posteriormente, escrever (BAGNO, 2003, p. 21).

Outro elemento que entrou em contato com a língua portuguesa do Brasil foi o idioma falado em algumas localidades do continente africano e de outras pátrias, tais como o italiano, o francês, entre outros. O que mais impressiona em nosso idioma brasileiro é que, de uma forma geral, o brasileiro se entende, linguisticamente, de norte a sul. Isso, talvez, não ocorresse caso fossem pinçados regionalismos de alguma localidade e, a partir deles, fosse travada uma tentativa de comunicação com pessoas cujos regionalismos mostrassem outras variabilidades linguísticas (ILARI, 2005, p. 57).

A variação do fonema /r/

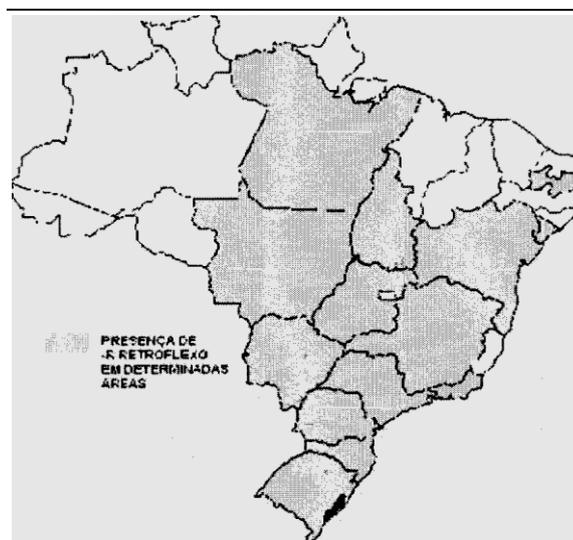
A variação linguística é o alvo, intento da sociolinguística. Bagno (2002) propõe ser variação linguística o estado de fluidez da língua, de constante mutação, de heterogeneidade.

As mudanças linguísticas ocorrem em diversos campos, como: fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical, estilístico. Tais mudanças chamam-se regras variáveis ou variantes. Uma variante da língua portuguesa é representada pelo fonema *erre*, pois ele pode ser pronunciado de diversas formas, dependendo, principalmente, da região do falante (BAGNO, 2002, p. 49).

Em relação ao português do Brasil, nota-se uma série de diferentes pronúncias, entre elas as mais significativas são as realizações retroflexas de *erre*. Sua origem tem sido perseguida desde o início do século passado até hoje, tanto do ponto de vista fonológico quanto do ponto de vista sócio-histórico. O *erre* retroflexo foi, durante certo tempo, mencionado tão somente como característica do chamado “dialeto caipira”, investigado por Amadeu Amaral no início do século XIX, no território da antiga província de São Paulo. A presença do *erre* retroflexo está no sul de São Paulo, no sul do Mato Grosso e no norte do Paraná. Provavelmente, o ponto de irradiação desse fonema foi São Paulo, com o povoamento bandeirante (BRANDÃO, 2007, p. 266). Brandão *apud* Bueno (BUENO, 2007, p. 267) mostra a vitalidade do *erre* retroflexo ainda em nossos tempos, expondo sua ocorrência em Goiás, onde é utilizado não só como “dialeto caipira”, mas também entre pessoas mais cultas, desmistificando a tese defendida por Amadeu Amaral, segundo a qual tal dialeto estava em vias de desaparecimento e só era falado pelas classes menos favorecidas.

Os atlas linguísticos fazem uma revelação surpreendente, a incidência do *erre* retroflexo vai além dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Paraná e atinge localidades como Pará, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraíba, Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (BRANDÃO, 2007, p. 268).

A autora descreve com um mapa os Estados em que se conhecem registros de *erre* retroflexo.



Fonte: BRANDÃO, 2007, p. 280.

Corroborando com a ideia de Bagno (2002), Brandão (2007) e Pires (2009), Bueno *et al.* (2010, p. 198) descrevem as possíveis variantes: as palavras "porta" e "mar" podem ser pronunciadas de várias maneiras. O falante do "dialeto caipira" (norte do Paraná, interior de São Paulo, por exemplo) pronuncia o *erre vibrante retroflexo*, tanto no meio da palavra quanto no final. Exs.: ['porta] e ['mar]. Já o paulistano pronuncia o *erre alveolar múltiplo* com som alveolar tanto nas sílabas mediais como no final das sílabas. Exs.: ['porta] e ['mar]. Bueno *et al.* (2010, p. 200) trazem que foi no início do século XX (1920) que começaram a estudar, no Brasil, o campo da linguística, por meio da descrição linguística da variante dialetal rural, falada por moradores de regiões do interior de São Paulo, tais como a zona de Capivari, Piracicaba, Itu, Sorocaba e São Carlos. Durante muito tempo, o "dialeto caipira" manteve-se isolado dos centros urbanos. Os autores discutem que, por tal dialeto ser falado por pessoas de pouca escolaridade e de situação econômica baixa, ele tem sido há anos estigmatizado. Constantemente, esse dialeto tem sido alvo de correções por parte dos defensores de uma chamada norma padrão e, conseqüentemente, os falantes dessa variedade linguística algumas vezes são vistos, equivocadamente, como pessoas de pouca instrução, cuja maneira de falar está eivada de erros e deformações linguísticas (BUENO *et al.*, 2010, p. 201). Os falantes desse "dialeto caipira" sofrem uma discriminação social sempre crescente, típica de sociedades hierarquizadas (BRANDÃO, 2007).

Língua culta brasileira

Os critérios que determinam a norma – conhecida como padrões de uso – de uma língua se estabelecem ao longo do tempo, principalmente pela ação da escola e dos meios de comunicação. Esses instrumentos sociais levam os falantes de um idioma a aceitar como "correta" a maneira de falar da camada da população que, em virtude de sua condição social privilegiada, tem maior prestígio na sociedade.

Assim, o modo de escrever e falar desse grupo social passa a servir de padrão, enquanto as demais variabilidades linguísticas, faladas por grupos sociais menos prestigiados, passam a ser consideradas como "erradas" (BAGNO, 2003, p. 22).

Preconceito linguístico

A partir da ideia de Bagno (2003), que uma variabilidade linguística é vista e tratada como "errada", concomitantemente com as teses de Bueno *et al.* (2010) e Brandão (2007), esmiúça-se o que seria o preconceito linguístico.

O preconceito linguístico é o conceito antecipado, depreciativo, e sem abalamento de aspectos da linguagem (BAGNO, 2002, p. 31). Tal fenômeno está diretamente ligado à linguagem culta e o que ela significa para uma língua. Como visto, anteriormente, a linguagem culta acaba propiciando uma falsa ideia de "certo" e "errado" em relação à linguagem escrita e falada (BAGNO, 2003, p. 18).

Como Bagno (2002) descreve, acredita-se que todo idioma possua variabilidades linguísticas, e com o nosso idioma pátrio não poderia ser diferente. O Brasil não é apenas miscigenado racialmente, mas também linguisticamente. Dessa feita, inicia-se um dos motivos pelos quais não há uma língua única, homogênea em território brasileiro. O preconceito linguístico, apesar de não ser tão amplamente conhecido — ou relacionado como o preconceito racial, está presente em nosso dia a dia, nos meios de comunicação e na interação de pessoas de regiões diferentes.

Entrevistas

Foram incluídas duas entrevistas inéditas com pessoas, modelos, que moraram no interior de São Paulo. Os nomes e sobrenomes foram alterados, ambos são fictícios. Além das

respostas, cada modelo fez um resumo sobre o contato com o *erre* retroflexo e o preconceito linguístico.

A primeira modelo, “Bianca Posi”, 36 anos, é natural de Sorocaba/SP e respondeu que morou nessa cidade até os 18 anos e depois passou a residir na capital do estado. Entrou em contato com o *erre* retroflexo muito cedo, acredita que desde criança, talvez lá pelos sete ou oito anos de idade. Respondeu também que ocorreu fato semelhante com seus irmãos. Seus pais residem até hoje em Sorocaba, seu pai é advogado e sua mãe, professora.

A seguir o relato, *ipsis litteris*, da entrevistada.

O erre retroflexo é muito falado nas cidades do interior de São Paulo, em geral, mas em alguns lugares ele fica mais puxado ainda, como em Piracicaba, Itapetininga, Araçatuba, Bauru, Campinas etc. É claro que tal sotaque “denuncia” a origem da pessoa e isso, muitas vezes, é tido como pejorativo, especialmente por parte das pessoas que moram em São Paulo, capital, e que apenas, por conta do local de nascimento, se acham “superiores”, “mais capazes”, “mais inteligentes” do que quem mora no interior. A verdade é que quem mora na capital, por ser uma cidade imensa, com acesso a tudo que se tem de mais novo no mundo, às melhores escolas, aos melhores cursos, a exposições de artistas consagrados, aos melhores restaurantes, acham que quem vem do interior não está à altura do paulistano (nascidos em São Paulo, capital). E isso é facilmente percebido através da linguagem.

Não sei dizer, ao certo, porque meus pais nos “corrigiam” quanto ao erre retroflexo. Talvez porque achassem que ele incomode um pouco quem ouve. Sim, alguns costumam dizer que esse tipo de sotaque até “dói de ouvir” e quando eu e meus irmãos, quando crianças, sempre que éramos corrigidos em algum escorregão do erre retroflexo ouvíamos que era feio esse tipo de sotaque. Meus irmãos pronunciavam esse tipo de erre ainda mais do que eu.

Não posso negar que, por praticamente não falar o erre retroflexo, me ajudou muito. Com o passar dos anos, morando em São Paulo, capital, pouco do erre retroflexo que eu usava sumiu. Muitas vezes, ouvi: “nossa, você é do interior? Nem parece!” Até mesmo minha sogra, quando soube que o filho estava namorando uma menina de Sorocaba, brincou com ele: “Marcello, pelo amor de Deus, seu nome tem erre!”

Enfim, acho que desses relatos dá para extrair que o erre retroflexo é motivo de discriminação de quem mora na capital de São Paulo para com o pessoal do interior. Algumas amigas minhas que pronunciam o erre retroflexo, muitas vezes foram alvo de chacota, sim.

A segunda modelo, “Elise Luz”, 47 anos, é natural de Campinas/SP e respondeu que morou nessa cidade até os 10 anos e depois passou a residir em Manaus/AM. Deu-se conta da existência do *erre* retroflexo não enquanto estava ainda morando no interior de São Paulo, pois a maioria de seus colegas também o pronunciavam dessa maneira, mas quando se mudou para o norte do país. Informou que sua mãe não fala o *erre* retroflexo.

A seguir o relato, *ipsis litteris*, da segunda entrevistada.

Meus primos cariocas gostavam de me ouvir falar o erre retroflexo, achavam engraçado. Os amigos também brincavam um pouco, mas não chegava a ser preconceito ou algo incômodo. Cheguei em Manaus ainda pequena, com 10 anos, e alguns davam risada do tal erre e eu ria junto, não via importância. Com o tempo, fui mudando o jeito de falar, o erre retroflexo passou àquele pronunciado em São Paulo, capital.

A ideia para este artigo surgiu em 2010 quando ainda trabalhava com a “Bianca Posi” que, informalmente, relatou a atitude de seu pai de repreender tanto ela quanto os irmãos quando pronunciavam o *erre* retroflexo. Isso tudo para que eles não viessem a sofrer preconceito linguístico, caso mudassem para São Paulo capital ou para qualquer outro centro urbano. Opinião particular do genitor de “Bianca”.

Analisando as duas entrevistas, percebe-se que “Bianca” e “Elise” não sofreram grandes preconceitos linguísticos, no entanto a fala da futura sogra, à época, foi ácida e eivada de “pré-conceito” (conceito antecipado e mal-abalizado), relembremos: “*Até mesmo minha sogra, quando soube que o filho estava namorando uma menina de Sorocaba, brincou com ele: “Marcello, pelo amor de Deus, seu nome tem erre!”*

O preconceito com o “erre caipira”, tanto no meio da palavra, quanto no final é uma realidade, apesar das modelos não terem sofrido tanto com ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o presente estudo confirma a veracidade do preconceito linguístico que permeia a diversidade de línguas e regionalidades no Brasil. A sociedade que fala de maneira “correta” – a camada da população que, em virtude de sua condição social privilegiada, tem maior prestígio na sociedade – tece o “pré-conceito” diante daquela que fala “errado” – grupos sociais menos prestigiados, percebidos como pessoas ignorantes, cuja expressão da língua contém erros linguísticos e, por isso, é subestimada.

É inegável que há diversas pessoas bem tituladas que pronunciam o *erre* retroflexo e que não necessariamente moram no interior do país; é tão somente uma questão de sotaque, o que não indica falta de verniz, muito menos de estudo e de capacitação intelectual.

Nesse contexto, assinala-se a necessidade de estudos e, posteriormente, de práticas que tratem das vicissitudes psicossociais e linguísticas de regionalismos, de maneira igualitária e livre de preconceito, por meio da língua falada e de suas peculiaridades.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2003.

BAGNO, M. *Preconceito linguístico – o que é, como se faz*. 15 ed. São Paulo: Loyola, 2002.

BRANDÃO, S. Nas trilhas do -r retroflexo. *Signum: Estud. Ling.*, Londrina, n. 10, p. 265-283, dez. 2007. Disponível em: <http://www.ucl.br/revistas/ucl/indcx.php/signum/artic1e/viewFile/4448/5073>. Acesso em: 15 abr. 2015.

BUENO, A. *et al.* De Adoniran Barbosa a Demônios da Garoa: papel da sonoridade nos sotaques e nas variantes regionais. In: VII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA SÓLETRAS – ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS. *Anais UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná*, 2010. Disponível em: http://www.cj.uenp.edu.br/files/Eventos/soletras/2010/anais/Posters_digitais/soletrar-2010-105.pdf. Acesso em: 17 abr. 2015.

CHOMSKY, N.; PIAGET, J. *Teorias da linguagem, teorias da aprendizagem*. Tradução Álvaro Cabral. Ed. Massimo Piatelli-Palmarini. São Paulo: Cultrix, 1983.

COSTA, M.A. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, M.E. *et al.* (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

ILARI, R. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

LUCCHESI, D. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna*. São Paulo: Parábola, 2004.

PIRES, C. Aspectos linguísticos do dialeto caipira encontrados em manuscritos de Piracicaba no século XX. *Filologia e Linguística Portuguesa*, Brasil, n. 10-11, p. 291-304, jun., 2009. Disponível em: <http://portal.uninove.br/marketing/cope/pdfs/revistas/eccos/eccosv6n2/eccosv6n2jeanbianes%20traddesire.pdf>. Acesso em: 31 dez. 2004.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

SKINNER, B. F. *Verbal Behavior*. New York: Appleton Century Crofts, 1957.